



Apresentação

Dossiê “Literatura: inflexões políticas, culturais e educacionais”

Roberto Antônio Penedo do Amaral  0000-0002-4426-9429  7662501395554138
Universidade Federal do Tocantins (UFT)

Gabriela Silva  0000-0001-6249-5166  5397370043144169
Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

A literatura constitui-se num manancial de saberes peculiares sobre a humanidade e sobre as sociedades de todos os tempos e lugares. Concebida desde tal ponto de vista, a matéria literária estabelece com o mundo, a quem busca incessantemente emular, um permanente exercício de crítica e de interpretação que abrange elementos políticos, estéticos e éticos. Dessa forma, o texto literário pode ser compreendido como uma artesanaria rizomática, pois que se inter-relaciona com outras modalidades de conhecimento, abrangendo diferentes direções e modulações no âmbito dos laços sociais.

Pierre Alferi, em *Procurar uma frase*, nos diz:

Onde começa a literatura? O nascimento das competências subjetivas e discursivas produz-se no instante em que competências enunciativas, escondidas e insuspeitas, vêm à luz. Assim, a literatura retira da memória em que dorme o sobressalto da sua aparição. Se a literatura é um pensamento puro e livre, só há literatura quando a necessidade (que é o seu potencial) se sobrepõe à evidência da sua interpretação, ao seu sentido (1999, p.14).

O que nos remete diretamente ao fio de Ariadne do conjunto de artigos do dossiê *Literatura: inflexões políticas, culturais e educacionais*, uma vez que, aqui, pensamos a literatura a partir de diferentes perspectivas. Pensar a literatura pressupõe estabelecer relações

com todas as outras artes, filosofia, política e como o texto literário contempla, de modo amplo, o que determinamos como educação do sujeito. Educar é, portanto, uma forma de ler e entender o mundo no qual vivemos. E, para pensarmos sobre nosso presente, percorremos tempos anteriores ao nosso, expressões diferentes das nossas e, sobretudo, maneiras de pensar que se manifestam e constituem de forma diferente das nossas. A literatura, como centro dessas leituras, oferece um amálgama de possibilidades de compreensão.

É necessário refletir a respeito das possibilidades de leitura de um texto literário. Como aponta Alferi (1999), o texto é, na verdade, a manifestação de algo maior, ligado ao imaginário e ao simbólico que cada sujeito apresenta em sua constituição psíquica e social. A literatura transcende as palavras impressas nas páginas dos livros, traz em si mesma o grande enigma que nos convida sempre a renovar nossa curiosidade acerca do que narra, canta, reproduz: as representações do mundo, marcadas pelas dimensões estética, sociocultural e histórica. As três dimensões, as quais nos referimos, dão conta, respectivamente, do que é produzido como expressão artística no texto literário; o momento de recepção da obra e o percurso pela história do mundo que é o referente cronológico que marca a escrita do texto.

Por sua natureza, a literatura não é estática, não é apenas a representação do pensamento, da sociedade, dos objetos. A literatura é dinâmica no material que toma para si (a linguagem) e nas formas que escolhe para construir o universo que representa. Podemos entender que a literatura é uma necessidade (mimética, como apontou Aristóteles) e que é espaço de manifestações sociais, culturais, sexuais e identitárias. E a literatura tem, de modo permanente, a sua existência alinhada a existência do leitor, sujeito que dá movimento e continuidade ao texto literário, uma vez que o renova e interpreta sempre de modo diferente a cada leitura.

O sentido absoluto da literatura é determinado por aquilo que é a sua própria existência como arte: a humanidade. Estudamos e escrevemos sobre literatura porque é fascinante, mas, sobretudo, porque procuramos nela objetos, símbolos e impressões que nos apresentem possíveis respostas para as nossas indagações, para os axiomas universais, para os paradoxos que muitas vezes não compreendemos de imediato (e os quais talvez nunca consigamos compreender) e que continuaremos a perseguir em busca de possíveis elucidações.

Quando George Steiner, comenta acerca da potência da literatura, relembra a ideia “daqueles que queimam livros” e que, ao incinerarem as suas páginas, procuram extinguir o pensamento crítico de quem lê e desperta ou mantém-se desperto a observar o mundo e sua história. A obra de arte literária é espaço crítico e, por isso mesmo, perigosa:

Aqueles que queimam livros, que banem e matam poetas, sabem exatamente o que fazem. Seu poder é incalculável. Precisamente porque o mesmo livro e a mesma página podem ter efeitos totalmente díspares sobre diferentes leitores. Podem exaltar ou aviltar; seduzir ou enojar; estimular à virtude ou à barbárie; acentuar a sensibilidade ou banalizá-la. De maneira verdadeiramente desconcertante, podem fazer as duas coisas, praticamente ao mesmo tempo, em um impulso tão complexo, tão híbrido e tão rápido em sua alternância que nenhuma hermenêutica, nenhuma psicologia podem predizer nem calcular sua força (STEINER, 2018, p. 15).

Tendo essas questões em vista, este dossiê contempla artigos que convulsionam curvas, dobras e desvios dialógicos da literatura com a política, a cultura e a educação.

É o caso, por exemplo, do texto “A antropologia poética de Gilbert Durand e os arquétipos da narrativa literária”, escrito a quatro mãos por Roberto Antônio Penedo do Amaral e Leila Dias Pereira da Costa, com o qual os autores se propõem a problematizar os arquétipos forjadores do relato ficcional, a partir da antropologia poética do pensador interdisciplinar francês Gilbert Durand (1921-2012). Para tanto, é elaborado um traçado discursivo que tem o trajeto antropológico do imaginário durandiano como pano de fundo, com vistas a elucidar as matrizes da narrativa ficcional contemporânea.

Já em “Literatura: insurgentes usos menores”, Clarissa Moreira de Macedo questiona a forma como o pensamento ocidental, de matriz europeia, imputou à língua, à literatura-arte, à cultura, à sociedade, narrativas oficiais de esquema arborescente e feição debitarista. Segundo a autora, a partir de tal perspectiva, toda e qualquer manifestação cultural não europeia seria afiliada desta e, portanto, não possuiria a capacidade de imprimir usos criativos que não fossem uma cópia. Para esse dilema em debate, é trazido à baila, como elemento crítico-metodológico-insurgente, a noção de rizoma e a ideia de língua menor, no intuito de empreender uma concisa e intencional leitura de *Finisterra*, romance de Carlos de Oliveira (1982), e de um poema, sem título, de Douglas Diegues.

Por sua vez, em “Isso para mim é chinês: idioma e outridade em *Um conto chinês* (2011)”, Rosângela Fachel de Medeiros e Maria Thereza Veloso mobilizam a diáspora leste-asiática em território latino-americano, especificamente, na Argentina, a partir da observação que, aos poucos, vêm sendo visibilizada em produções cinematográficas da região e do país. Para tanto, as autoras tomam como perspectiva de análise a coprodução argentino-espanhola de *Um conto chinês* (*Un cuento chino* – 2011), escrita e dirigida pelo cineasta argentino Sebastián Borensztein (1963). Para essa abordagem são postos em relação linguístico-dialógica, princípios teóricos dos Estudos Culturais e da Análise do Discurso pecheutiana.

Em “O desmoronamento do tempo: as dobras da memória em *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, de Mia Couto”, Ilse Maria da Rosa Vivian investiga as formas de construção da memória que perpassam a experiência no trajeto conflitante entre tempo, personagem e mundo, concretizando-se como um discurso da diáspora que compõe a condição humana. No texto, a figura ficcional é focalizada como fenômeno que, condicionado pela temporalização inerente ao processo de configuração narrativa, problematiza a natureza constitutiva do sujeito, possibilitando ao leitor a formulação de imagens do homem no percurso de ser-no-mundo.

Alexandre Costi Pandolfo, no artigo “Escrita, muros, inflexões: um trabalho – ‘precipitar um verdadeiro estado de exceção’”, tensiona a oitava tese sobre o conceito de história, de Walter Benjamin, na busca por descrever uma precipitação de novos possíveis jogos de linguagem, nos quais se imiscuem estética e letras às ruas das cidades tardo-modernas. Para tal fim, aborda a utilização técnica e tática do lambe-lambe enquanto arte-urbana, tornando-se forma e ocupando um espaço interessante na geografia e na arquitetura dessas cidades.

Com o intuito de propor um estudo sobre as representações de violência contra a mulher na literatura, Aline de Almeida Silva e Josué Borges de Araújo Godinho, apresentam o texto “Marcas de violência contra a mulher na literatura brasileira: *Gabriela, cravo e canela*, de Jorge Amado”. Na perspectiva dos autores, na mencionada obra figura o assassinato de mulheres e o patriarcalismo de forma dominante na sociedade de Ilhéus até meados do século XX. Os resultados da discussão apontam para o patriarcalismo ainda presente na sociedade atual, e tentam estabelecer diálogo com a Lei Maria da Penha e os mecanismos de proteção às mulheres de uma sociedade ainda machista e preconceituosa.

Fabio Mario da Silva, com o artigo “A dor e o sofrimento femininos em *A profecia no leito de morte*, de Ana Plácido”, propõe refletir sobre como a autora associa o sofrimento feminino, causado por uma dor intensa, às suas personagens protagonistas, o que revelaria uma das problemáticas da condição feminina em sua obra.

Com o artigo “O romance de formação como uma ação pedagógica: uma leitura de *Verão no aquário*, de Lygia Fagundes Telles”, Lízia Adriane Freire Ferreira Gomes e Rita de Cássia Oliveira destacam que toda a produção literária até a chegada do século XX, dominada pelos homens, também é elemento persistente dentro do *bildungsroman* (Romance de Formação). Estabelecendo um contraponto a esse estado de coisas, as autoras colocam em relevo as ondas feministas que ampliaram os direitos da mulher, evidenciando a ascendência literária por elas produzida. Pertinente a essa perspectiva, surge o *bildungsroman* feminino, configurando-se como uma revisão literária e histórica que implicou, a partir das décadas de 80 e 90, no crescimento dos estudos feministas e pós-coloniais.

A partir das ideias de autores como Jean Paul Sartre, Jacques Derrida, Umberto Eco, Ítalo Calvino e vozes críticas da literatura portuguesa, Gabriela Silva, em “Três lições de José Saramago sobre os homens do seu tempo”, propõe uma leitura de três romances saramaguianos: *Ensaio sobre a cegueira*, *Todos os nomes* e *O homem duplicado*, apresentando uma possibilidade de interpretação do desejo do autor em construir uma literatura que despertasse nos leitores o senso de alteridade e igualdade face ao outro, a partir do conceito de literariedade.

Por fim, em “O mapeamento decolonial de Moçambique nos romances de Mia Couto”, Ubiratan Machado Pinto busca problematizar a forma como a prosa do escritor procura dar voz a sujeitos invisibilizados pelo colonialismo lusitano estabelecido em diversos países do continente africano, a exemplo de Moçambique, seu país de origem. Para o desenvolvimento do tema, o autor utiliza como referência textual o mais recente romance do escritor moçambicano, *O mapeador de ausências* (2020), sem deixar de mencionar algumas produções literárias anteriores, tais como, *Terra sonâmbula* (1992), *A varanda do frangipani* (1996) e *Vinte e Zinco* (1999).

Desejamos uma ótima leitura!

Roberto Antônio Penedo do Amaral

Gabriela Silva

Organizadores

Referências

ALFERI, Pierre. *Procurar uma frase*. Trad. Maria Teresa Cruz. Veja: Lisboa, 1999.

STEINER, George. *Aqueles que queimam livros*. Trad. Pedro Fonseca. Belo Horizonte: Âyiné, 2018.